

Berlengas

cracas, mexilhões ou outros percebes pequenos), a separação dos crustáceos por tamanhos e a entrega dos mesmos aos seus clientes.

A circunstância de o percebe das Berlengas estar geograficamente confinado, ser capturado apenas por 40 mariscadores (não há pesca lúdica aqui) e ter fama entre os apreciadores faz com que a equipa de coordenação da Copesca 2 considere a criação de um processo de certificação do percebe destas ilhas. Em que moldes? “Existem diferentes modalidades que poderemos adoptar, sendo certo que, seja ela qual for, terá de dar ao consumidor - com mecanismos de rastreabilidade - a garantia de que aquilo que ele compra é mesmo percebe das Berlengas e não de outro local.”

E, por falar em rigor de informação, convém que os consumidores saibam que, nos meses de Agosto e Setembro, a apanha de percebes nas Berlengas é proibida pelo facto de o *stock* se encontrar em defeso. De maneira que se alguém, num restaurante, lhe vender percebe das Berlengas, proteste, peça o livro de reclamações ou chame a ASAE.

Fonte de riqueza considerável

Esta questão do controlo e da fiscalização por parte das autoridades marítimas é um dos problemas que o mariscador António Bessone (uma lenda no universo desportivo e marítimo em Portugal) levanta: “Eu aplaudo o projecto da cogestão e todas as pessoas envolvidas, mas temos que reconhecer que a fiscalização da costa portuguesa não existe. Tenho 75 anos e sei bem do que falo. No peixe, era conhecido como o aspirador do mar, mas, hoje, tenho que dar o exemplo às próximas gerações. Hoje, só vou às Berlengas quando sei que não vou estragar. Se é para apanhar relva cagada das gaivotas (percebe das zonas mais altas da rocha e de inferior qualidade) eu fico em casa.”

O antigo campeão de natação, campeão de pesca submarina, campeão de andebol pelo Sporting e atleta olímpico costuma dizer que, noutros tempos, mergulhar nos Farilhões e na Forcada do Norte (ilhéus a noroeste da Berlenga), “era como ir ao Multibanco sacar o

dinheiro com notas de bom valor - notas de 50€ para cima. Notas de 10€ e de 20€ não me interessavam. Deixava-as lá até aumentarem de valor.”

Sérgio Leandro concorda que a questão da fiscalização vai colocar-se sempre porque nunca existirão recursos para vigiar toda a gente, mas entende que o espírito do Copesca 2 é “fazer com que cada mariscador seja o vigilante do recurso que é dele e das próximas gerações e que, por outro lado, perceba que não é por se apanhar mais que se ganha mais dinheiro. Deve ser o contrário”.

Sempre com a alma na boca, António Bessone dispara contra “a pouca vergonha que é a pesca lúdica em toda a costa - na Berlenga é proibida - , que não só não é lúdica como

nem controlada é”. Por lei, qualquer cidadão pode tirar uma licença para apanhar dois quilos de percebe por dia. O problema é que, de acordo com muitos pescadores, em muitos casos essa pesca passa de lúdica a profissional. “Toda a gente sabe disso e quase toda a gente permite a destruição do *stock* na costa. Cá, em Portugal, porque em Espanha as coisas são muito diferentes.”

Com boa gestão do recurso, só as Berlengas são uma fonte de riqueza considerável. Façamos contas por alto. Em Junho, foram registados 2177 quilos de percebe no *checkpoint* do Copesca 2. Se imaginarmos que o preço médio pago ao mariscador ronde os 40 euros, estamos a falar de 87.000 euros de faturação. Não deverão existir outros calhaus tão rentáveis em Portugal.

Uma espécie enigmática

Mistérios que continuam depois de Darwin

● Bióloga e investigadora no Laboratório de Ciências do Mar (em Sines e integrado na Universidade de Évora), Teresa Cruz dedica-se ao estudo do percebe há 30 anos. Quando lhe perguntamos se optou por esta espécie para completar o trabalho de Charles Darwin, sorri, mas responde que “não, não começou por aí”. “Foi um acaso. Queria fazer o doutoramento. O percebe era um recurso de que se sabia pouco. Comecei a estudar e, depois, aí sim, transformou-se numa paixão.”

Darwin é para aqui chamado porque passou oito anos a estudar percebes e cracas (a família dos cirrípedes), tendo escrito 1500 páginas divididas por quatro monografias. Quando, numa praia no Chile, encontrou pela primeira vez um percebe dentro de uma concha ficou cismado com a

criatura. Com o seu ciclo de vida e com o sistema de reprodução, de tal forma que pediu aos amigos que tinha pelo mundo para lhe enviarem percebes e cracas de todos os oceanos. Tão fascinante é esta história que Rebecca Stott, professora de literatura em Inglaterra, publicou, em 2014, a obra *Darwin and the Barnacle*.

E não deixa de ser curioso que muitas perguntas que Darwin fez no século XIX continuem hoje sem resposta. São as mesmas que levam Teresa Cruz a continuar apaixonada pela vida dos percebes, em particular pelos mecanismos de reprodução, pela viagem das larvas no oceano e pelo crescimento diferenciado dos adultos nas rochas.

Os percebes são, para começar, hermafroditas simultâneos durante toda a vida. Isto quer dizer que “o mesmo animal é macho e fêmea”. “O que comemos é a parte feminina - o pedúnculo - que é ovário e músculo. A unha é a parte masculina (testículos, vesícula seminal e pénis)”. E, na altura de reprodução, “sem sabermos como e por que razão, uns fazem de macho e os vizinhos nas mesmas pinhas (o cacho) comportam-se como fêmeas. Os machos introduzem os pénis extensíveis noutros percebes que fazem o papel de fêmea e depositam o esperma que vai fertilizar os ovócitos. Semanas depois eclodem as larvas.

Se os cientistas não conseguem perceber por que razão, numa mesma pinha, uns indivíduos ora adoptam, em simultâneo, a função de macho e de fêmea (e num período de três meses um percebe pode fazer quatro ciclos de reprodução de 200 mil larvas cada), a libertação e a viagem das tais larvas no oceano é outro mistério. “Para onde vão? Para perto ou para longe? E o que fazem no mar? Não sabemos.”

Um leigo, espreitando a quantidade de pequenos percebes existentes na





TERESA ABECASIS

A bióloga Teresa Cruz, investigadora no Laboratório de Ciências do Mar, dedica-se ao estudo do percebe há mais de 30 anos

base do pedúnculo de um percebe, pensará que são descendentes directos dos adultos onde estão agarrados. “Mas não. As larvas viajam livremente ao sabor da corrente. E não sabemos se as que se fixam nas rochas das Berlengas nasceram na Nazaré, no cabo da Roca ou num local mais longe. Em muitas espécies podemos colocar antenas e seguir-lhes o rasto. Em organismos com 0,5 milímetros, isso não é possível.”

Depois, o próprio facto de a larva se fixar na rocha pela cabeça, ficando com as patas (que saem da unha) para cima, como técnica de captação de alimento, é outro mistério. “Porque razão esse ser vive de cabeça para baixo e a fazer o pino, só podendo reproduzir-se com os percebes na mesma pinha? Tudo isto é fascinante”, afirma Teresa Cruz, cientista envolvida no projeto Copesca 2.

Por outro lado, o próprio crescimento em ritmos diferentes do percebe em rochas muito próximas é outro desafio. Num mesmo território a alimentação será comum, mas, depois, a exposição da pedra à agitação das ondas que transportam alimento, a incidência da luz solar, a densidade do grupo e o seu posicionamento mais acima na rocha ou mais junto ao fio de água são factores que podem influenciar o crescimen-

to dos percebes. Como cientista, Teresa Cruz admite tais variáveis, mas prefere esperar por estudos mais conclusivos.

Por fim, a velha questão que tanto apaixonava os portugueses: de que mar saem os melhores percebes? Teresa responde com diplomacia. “Isso depende dos nossos interlocutores: os de Vila do Bispo dizem que são os seus, e os de Aljezur ou das Berlengas defendem o que por lá se apanha. Como cientista, não tenho estudos para fazer afirmações peremptórias e como consumidora não tenho capacidades para distinguir a qualidade dos percebes por regiões.”

Empiricamente, podemos dizer que, em Portugal, de Norte a Sul, há percebe excelente e “percebe mijão” (estreito e sensaborão). Um bom percebe tem de saber intensamente mar e ter boa textura, mas se assumirmos que o melhor percebe é aquele tem um calibre XXL (pedúnculo grosso e, logo, com mais idade), tais exemplares estão, como se imagina, em locais de muito difícil acesso e em que o mar bravio trata de os proteger da arrilhada dos humanos. Sim, pedras com esse “ouro” existem nas Berlengas (estão mais longe da costa e não estão acessíveis aos pescadores lúdicos), mas, também, em diferentes rochas de toda a costa portuguesa.

HERITAGE WINES
DESCOBERTA DOS GRANDES VINHOS
WWW.HERITAGEWINES.PT

SEJA RESPONSÁVEL. BEBA COM MODERAÇÃO.